

Chamam-se Trotula de Salerno, Hildegard de Bingen, Clara de Assis, nos séculos XI-XIII, ainda com os nomes das cidades onde exerciam a sua liderança intelectual. E, no século XV, Christine de Pizan e Isabel de Villena, já com o nome do pai, mas com a mesma reputação internacional de grandes pensadoras e líderes da sua época. São elas as protagonistas deste livro que as situa em espaços e realidades medievais longe daqueles nos quais o discurso acadêmico dos medievistas confina as mulheres da Idade Média e apaga, rouba ou mutila as suas vozes e escritos. Longe da imagem convencional do mundo medieval, do mito que esse discurso pretende fundamentar cientificamente e continua propagando no mundo de hoje através do ensino formal, apesar de todos os questionamentos que já o invalidaram desde os anos sessenta do século passado. Rodeadas de muitas outras mulheres intelectuais e brilhantes, de homens admiradores da sua erudição e companheiros de luta, fortes, de uma tradição milenar de mulheres eruditas, Trotula, Hildegarde, Clara, Christina e Isabel, ao voltar ao palco da historiografia medieval e focadas com binóculos diferentes, propõem aberturas e caminhos para uma nova ciência da literatura medieval. Essa ciência, por não ser mais inspirada e fundamentada por preconceitos, medos, obsessões, pulsões e ambições exclusivamente masculinas, poderá oferecer, enfim, aos leitores do século XXI, os fascinantes conhecimentos, visões, verdades e sonhos que a "nova" Idade Média pode proporcionar a todos os seres humanos, homens e mulheres.

RIA LEMAIRE

Profª emérita da Universidade de Poitiers, França

ISBN 978-85-237-1066-8



9 788523 710668

AS INTELLECTUAIS NA IDADE MÉDIA



# AS INTELLECTUAIS NA IDADE MÉDIA

pensadoras, místicas, cientistas e literatas

Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne  
organizadora

Ana Miriam Wuensch

Cláudia Brochado

Karine Simoni

Mirtes Emilia Pinheiro

Valéria Fernandes da Silva

Editora  
UFPB



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Reitora MARGARETH DE FÁTIMA FORMIGA MELO DINIZ  
Vice-Reitor EDUARDO RAMALHO RABENHORST  
Pró-Reitor PRPG ISAAC DE ALMEIDA MEDEIROS



EDITORA DA UFPB

Diretora IZABEL FRANÇA DE LIMA  
Supervisão de Editoração ALMIR CORREIA DE VASCONCELLOS JUNIOR  
Supervisão de Produção JOSÉ AUGUSTO DOS SANTOS FILHO

Conselho Editorial BERNARDINA M<sup>a</sup> JUVENAL FREIRE DE OLIVEIRA (CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS)  
ELIANA VASCONCELOS DA SILVA ESVAEL (LINGUÍSTICA E LETRAS)  
FABIANA SENA DA SILVA (MULTIDISCIPLINAR)  
ILDA ANTONIETA SALATA TOSCANO (CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA)  
ÍTALO DE SOUZA AQUINO (CIÊNCIAS AGRÁRIAS)  
JOSÉ MARIA BARBOSA FILHO (CIÊNCIAS DA SAÚDE)  
MARIA DE LOURDES BARRETO GOMES (ENGENHARIAS)  
MARIA PATRÍCIA LOPES GOLDFARD (CIÊNCIAS HUMANAS)  
MARIA REGINA DE VASCONCELOS BARBOSA (CIÊNCIAS BIOLÓGICAS)

LUCIANA ELEONORA DE FREITAS CALADO DEPLAGNE  
organizadora

## AS INTELLECTUAIS NA IDADE MÉDIA

Pensadoras, místicas, cientistas e literatas

Editora da UFPB  
João Pessoa  
2015

Direitos autorais 2015 - Editora da UFPB

Efetuada o Depósito Legal na Biblioteca Nacional,  
conforme a Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À EDITORA DA UFPB

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por  
qualquer meio. A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998)  
é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade do autor.

Impresso no Brasil. *Printed in Brazil.*

Projeto Gráfico EDITORA DA UFPB  
Editoração Eletrônica MÔNICA CÂMARA  
Design de Capa FRANÇOIS LOUIS DEPLAGNE

Catálogo na fonte:  
Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba

161 As intelectuais na idade média: pensadoras, místicas,  
cientistas e literatas / Luciana Eleonora de Freitas  
Calado Deplagne, organizadora.- João Pessoa:  
Editora da UFPB, 2015.  
124 p.  
ISBN: 978-85-237-1066-8  
1. Intelectuais - idade média. 2. Literatura.  
3. Gênero. 4. História das Mulheres. 5. Cânone. I. Deplagne,  
Luciana Eleonora de Freitas Calado.

CDU: 316.344.32"04/14"

EDITORA DA UFPB Cidade Universitária, Campus I - s/n  
João Pessoa - PB  
CEP 58.051-970  
editora.ufpb.br  
editora@ufpb.edu.br  
Fone: (83) 3216.7147

Editora filiada à

  
Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

Livro aprovado para publicação através do Edital da Chamada Interna PRPG/  
UFPB Nº 10/2013, financiado pelo Programa de Apoio a Produção Científica -  
PRÓ-PUBLICAÇÃO DE LIVROS da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa.

## Sumário

<b>Apresentação</b> .....	07
<i>Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne</i>	
<b>De dama da Escola de Salerno à figura legendária: Trotula de Ruggiero entre a notoriedade e o esquecimento</b> .....	13
<i>Karine Simoni</i>	
<b>Hildegarda, a mística de Bingen</b> .....	29
<i>Mirtes Emilia Pinheiro</i>	
<b>A pobreza como expressão máxima da Vita Vera Apostolica nos escritos de Clara de Assis</b> .....	53
<i>Valéria Fernandes da Silva</i>	
<b>O quê Christine de Pizan nos faz pensar</b> .....	69
<i>Ana Miriam Wuensch</i>	
<b>A "Querelle des Femmes" da Europa à América; do literário e político nos escritos de Christine de Pizan e Soror Juana de la Cruz</b> .....	91
<i>Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne</i>	
<b>As intelectuais da idade média - por uma genealogia feminina: Isabel de Villena, escritora ibérica do sec. XV</b> .....	105
<i>Cláudia Brochado</i>	
<b>Autoras</b> .....	121

## Hildegarda, a mística de Bingen<sup>1</sup>

*Mirtes Emilia Pinheiro*

A monja/abadessa Hildegarda, uma personalidade excepcional que posteriormente foi conhecida como natural da cidade de Bingen, nasceu em 1098, na localidade de Bermersheim, próxima a Mainz, e faleceu em 17 de setembro de 1179. A mais nova dos dez filhos, foi enviada para o convento com sete ou oito anos de idade, ficando sob os cuidados de Jutta de Spanheim, que lhe ensinou os rudimentos de latim através da leitura e do canto dos Salmos.

Nesta época, as famílias mais abastadas mandavam seus filhos para um convento/abadia/mosteiro, não só com o intuito de as mesmas virem a seguir carreira religiosa, mas visando uma educação primorosa. Estes locais estavam entre os mais importantes centros de cultura da Europa e podiam promover uma educação esmerada para os filhos da nobreza.

A educação formal de Hildegarda foi inteiramente desenvolvida no mosteiro de Disibodenberg, onde foi noviça e, em seguida, monja e abadessa. A reputação da santidade de Jutta e de sua aluna Hildegarda estendeu-se pela região, fazendo com que outros pais também levassem suas filhas para lá, convertendo o lugar em um pequeno convento beneditino. Ao atingir a maioridade com 15 anos, Hildegarda se tornou monja.

---

<sup>1</sup> Este artigo faz parte da dissertação de Mestrado: "as herboristas nas literaturas Antiga e Medieval: Circe, Hildegarda de Bingen e Isolda", defendida em 2012 na FALE/UFMG. Algumas partes dele foram publicadas na revista GRAPHOS da UFPB, com o título: Hildegarda de Bingen: "Luz Animada pela Inspiração Divina". As demais são inéditas.



Quando Jutta faleceu em 1136, coube a Hildegarda a responsabilidade pela parte feminina do mosteiro. Por volta de 1150, ela mudou-se para Bingen, 30 km ao norte, numa bela região às margens do Reno onde deságua o Nahe. Mais tarde, fundou outro convento em Eibingen, na outra margem do rio.

Desde cedo, Hildegarda apresentou tendências ao misticismo que se manifestavam através de suas visões. Primeiramente, ela as relatou para Jutta e, em seguida, ao monge Volmar, seu primeiro preceptor e assistente nas transcrições das visões que a seguiram por toda vida.

Como as visões persistiram, o monge Godfrey, seu confessor, as revelou ao abade, que as comunicou ao arcebispo de Mainz, e juntamente com os teólogos, examinaram as visões e determinaram que eram de inspiração divina, incitando Hildegarda a escrevê-las.

Em relação à Hildegarda de Bingen, ainda que ela tenha tido visões desde muito cedo, somente as revelou publicamente depois dos 40 anos. Assegurava que não eram de origem humana, mas sim divina, como a voz celeste que, segundo ela, lhe dizia desde o princípio para que escrevesse, baseando-se não na linguagem do homem, nem na inteligência de invenção humana e nem sobre a vontade humana de organização, mas baseando-se no fato de que via e ouvia direto do céu, das maravilhas de Deus.

Seus escritos chamaram a atenção de várias personalidades, entre elas Bernardo de Claraval e o Papa Eugênio (1145-1153), que permitiu que ela os transmitisse publicamente, tornando-a uma celebridade em toda a Europa. Esta rápida aceitação eclesiástica de seu papel como profetisa contribuiu para fomentar seu prestígio entre os 'grandes' de seu mundo, tanto seculares quanto religiosos.

Em uma de suas correspondências, Hildegarda escreveu a Bernardo de Claraval e disse que não poderia falar se não

fosse pelo Espírito Santo, pois ela se considerava "*Paupercula mulier et indocta*"<sup>2</sup>. No entanto, reconhecia que no interior de sua alma, era sábia. Por isso, ciente de sua capacidade intelectual, uma parcela significativa do seu trabalho foi realizada na segunda metade de sua vida e cresceu mais ainda graças à extensa correspondência que ela manteve com Leonor de Aquitânia, a Condessa do Palatinato, e com imperadores, papas e bispos. Teólogos interrogam-na e questionavam sobre pontos de sua doutrina.

Além de visionária, Hildegarda de Bingen teve várias outras ocupações e talentos. Foi uma das personalidades que mais se sobressaiu no século XII, considerada como uma pessoa desenvolvida e eletrizante. Sua abadia foi um centro de estudos, permitindo-lhe desenvolver não só o misticismo visionário, que a acompanhava desde pequena, mas suas muitas outras capacidades intelectuais e artísticas.

Dentre suas inúmeras aptidões, estava a de ser compositora, poeta, naturalista, fundadora de conventos, teóloga, pregadora, milagreira e exorcista. Apresentou guias de conduta para alcançar a vida eterna, ocupando-se do funcionamento do corpo humano, assim como suas enfermidades e os remédios para tratá-las. Revelou os segredos da criação e da redenção e o respeito mútuo entre todas as obras criadas. Seus livros médicos demonstram uma fonte de saúde.

Além disso, parece incrível como esta abadessa beneditina medieval, fonte autêntica de conhecimento, conseguiu combinar suas funções monásticas do governo com os seus estudos, o cultivo de suas relações políticas, a expressão de sua visão e atenção a um público crescente. Sua capacidade de dialogar com a cultura de seu tempo e influenciar ativamente a sociedade ao seu

2 Uma pobre mulher sem instrução.

redor com a sua sabedoria espiritual e santidade seria comparada nos tempos modernos a Pio XII.

Hildegarda pode ser vista como um elo entre dois mundos distintos e semelhantes ao mesmo tempo: de um lado, é uma figura religiosa e culta, que sabe ler e escrever o idioma dominante da época, o latim; conhece as obras dos mestres da Antiguidade, guardadas e conservadas graças aos trabalhos dos monges copistas. Por outro lado, conhece aplicações práticas da teoria e utiliza a horta do mosteiro para a produção de remédios, que aparecem em seus tratados médicos.

Seu espírito astuto possibilitou a compreensão nítida do que ocorria em seu entorno e, graças a isto, ampliou enormemente seus conhecimentos sobre quase todos os aspectos da vida humana. Sua perspicácia, interesse e espírito inquieto lhe permitiam analisar, pesquisar e depois usar o que aprendeu para ajudar aos que a rodeavam e que a ela recorriam em busca de auxílio para a cura de seus males físicos e espirituais. Pernoud descreve a obra de Hildegarda da seguinte forma:

Pode-se dizer que, de fato, do ponto de vista médico, alimentar e ambiental, Hildegarda nos faz apreciar virtudes ignoradas ao nosso redor: animais, plantas, (ervas, madeiras), e pedras. Ela nos convida a renovar nossa visão. Porque aos seus olhos é o valor curativo, benéfico, que as plantas, as frutas, os animais, os peixes, etc. podem proporcionar ao homem que é o que mais interessa. Uma vez que cada elemento da natureza possui, assim, o seu valor; salutar ou prejudicial, é isto que os trabalhos da abadessa nos ensinam a discernir. (PERNOUD, 1996, p. 86)

A classificação que a monja faz em relação aos elementos da natureza remonta a Aristóteles e é amplamente utilizada até hoje na medicina chinesa. Dentro do seu estudo sobre o reino

mineral, vegetal e animal permanecem a indefinição da palavra *Viridez* que ela utiliza com certa frequência, para a qual ainda não se conseguiu achar uma tradução exata, sendo o conceito mais próximo que obtivemos dessa palavra o de “pujança de vida, plenitude de viço, que há nos seres vivos, em especial nos humanos” (PERNOUD, 1996, p. 87).

O interesse de Hildegarda pela cura das enfermidades reflete sua própria visão do homem no mundo, integrado com a natureza. Tanto é assim que os alimentos que ela indica proporcionam bem estar e equilíbrio. É o caso, por exemplo, da castanha, que ela recomenda comer com frequência a fim de combater a fraqueza que há no homem. Quanto à maçã, Hildegarda afirma que ela é boa tanto para as pessoas saudáveis quanto para as doentes. Ainda segundo ela, os alimentos devem apresentar um aspecto agradável na coloração e no odor, trazendo inúmeros benefícios para o corpo e a alma.

A tônica das receitas hildegardianas visa o bem estar do sujeito. Assim, ela recomenda o uso do perfume das flores de lírios, a fim de alegrar o coração e suscitar pensamentos justos. A lavanda é indicada por contribuir para uma sabedoria e uma pureza espiritual. Sugere-se bebê-la em decocção no vinho ou, se isso não for possível, em água com mel, pois tal bebida morna acalma as dores do fígado e do pulmão.

Hildegarda indicava fazer decocção em vinho de boa qualidade, bem como cataplasmas, utilizando para estas aplicações plantas quentes envoltas num pano de linho, colocadas sobre a parte do corpo que necessitava de cuidados, e até na cabeça, porque ela era atenta à fadiga do cérebro.

Outra preocupação da monja dizia respeito à melancolia. De acordo com sua filosofia de vida, uma pessoa que se encontrava triste, acabrunhada, oferecia mais dificuldade em apresentar melhoras em seu estado precário de saúde. O contrário se dá com

quem é feliz, pois este se encontra motivado para alcançar o mais rápido possível a cura de suas enfermidades. De acordo com ela, enquanto o luzendo tornava o homem triste, a violeta ajudava-o a lutar contra a melancolia. A betônica estimulava o espírito de conhecimento e a vista melhorava quando se olhava longamente para um tufo de tomilho. Já a mirra tinha a função de afastar os fantasmas e a garança curava os acessos de febre.

Hildegarda considerava que as mulheres tinham um papel positivo dentro da Igreja, mas sua função era mais contemplativa do que clerical. No entanto, num período em que a literatura pouco prestigia as mulheres, ela as defende, podendo ser considerada como uma das precursoras no resgate deste papel feminino na sociedade medieval. Assim, ela se esforçou para

Purificar a mulher de todas as suspeitas que sobre ela faziam pesar não só o papel essencial desempenhado por Eva no pecado original, como também a fraqueza intelectual e moral que lhe era atribuída por toda uma tradição literária com origem na Antiguidade, e que os autores medievais haviam subestimado. (VAUCHEZ, 1995, p. 167/8)

Hildegarda não só contribuiu para as muitas facetas da cultura medieval, como o fez em termos especificamente femininos, reconhecendo e apreciando o lugar de direito da mulher na sociedade. Ao contrário do que presumia a maioria dos pensadores medievais, ela entendia que os papéis dos homens e das mulheres se complementavam e que ambos eram necessários para o perfeito funcionamento da sociedade.

Durante a Idade Média, o sonho passa a ser considerado um momento de medo e de preocupação por parte dos indivíduos e da Igreja, pois o maior problema no que diz respeito a ele é que os

fantasmas rondam as pessoas e colocam em risco a perda de sua alma.

O sonho é enigmático e, embora vigiado e temido, não tem como ser combatido, pois ao contrário de tempos anteriores, como na época greco-romana, quando havia bons e maus demônios, agora só há anjos e demônios, isto é, de um lado a milícia de Deus e do outro a milícia do Diabo. Ainda assim, Hildegarda indica e defende que o sonho é um atributo normal do homem de bom humor. Na sua concepção de ser humano, o espírito não está separado do corpo.

Esta vulnerabilidade no sono e durante a noite é consequência do pecado original desde nossos primeiros ancestrais. O pecado torna o espírito do homem pesado enquanto dorme. Se não tivesse cometido o pecado original, o homem desfrutaria em seus sonhos do dom da profecia. Se uma pessoa for dormir com bons pensamentos, poderá ter sonhos adivinatórios. No entanto, se ao dormir a pessoa se cercar de maus e pecaminosos pensamentos, em especial se tiver comido e bebido em demasia, o que torna o sono mais pesado, pode tornar-se facilmente presa do demônio, sujeita a poluções noturnas ou sonhos de cópulas com pessoas vivas, mortas ou até mesmo animais.

De acordo com Schmidt,

seria preciso que Hildegarda, porque era uma mulher, dissesse e mostrasse em imagens que ela não havia sonhado, de modo que suas falas, ainda que ela fosse uma mulher, pudessem ser recebidas como autênticas (LE GOFF, 2006, p. 85).

Segundo ela, as visões que recebia eram frutos da vidência espiritual, incididas diretamente do criador, as quais ela recebia acordada, com todos os sentidos aguçados, com os olhos e os ouvidos do homem aptos a ouvir a voz de Deus, de tal forma



que pudesse transmiti-la com a maior precisão possível para os homens.

Ela não perde sua consciência ao ouvi-las, pelo contrário, se mantém em estado de vigília e vigilante. Muitas de suas visões ela recebe na presença de terceiros, a exemplo de seus secretários, Volmar e Richardson:

Suas visões eram mesmo públicas, pois não as tinha recebido em lugar ermo, solitário, “fechado”, mas sempre em lugares “abertos”, entendamos: vendo-o e sabendo-o toda a comunidade monástica. Nenhuma falsificação, nenhuma trama humana nem diabólica podia, assim, provocar qualquer desconfiança. Ela foi agraciada com visões e audições celestes, revelações que lhe foram impostas por vontade divina, mas como ela própria especifica, não foi “arrebataada em espírito” (*in excessa mentis*). Hildegarda estabelece aqui uma nítida distinção entre “a visão espiritual” que ela teve e o êxtase. (SCHMITT, 2007, p. 334)

No Medievo, havia o medo de sonhar e ter o corpo invadido por espíritos ruins, pois estes colocariam em risco a perda da alma. Hildegarda aconselha que, para se livrar dos fantasmas que rondam os sonhadores, era necessário que se envolvesse “o corpo com uma pele de alce e correntes de ferro, fazendo força com benzeduras”. Assim, ela desenvolve:

Toda uma psicofisiologia moral do sonho que pode nos surpreender, mas que, de uma passagem à outra, demonstra perfeita coerência. No princípio de sua teoria, encontra-se a consideração de certos movimentos alternativos do crescimento e decréscimo da medula, análogos ao da lua e ao das plantas, ao ritmo das estações. As fadigas diurnas enfraquecem a medula; ela decresce liberando um sopro que ganha as veias e o

cérebro e torna o homem “insensível e inconsciente; desse modo, ele continua a dormir, mas a *anima* continua a conduzir o sopro vital, como durante o estado de vigília: durante o sono, ele faz crescer de novo a medula, cujo calor cozinha a carne como um alimento e dá cor ao rosto. Durante o sono, a *anima*, não estando dominada por todas as inquietações do dia, “abre-se por assim dizer seus olhos no sonho”. (SCHMITT, 2007, p. 334)

As obras de Hildegarda de Bingen nos apresentam uma visão do mundo que resume com eloquência e em termos visionários a teoria medieval do microcosmo e do macrocosmo, herdada da teoria dos estoicos. O microcosmo, que era o homem, refletia o macrocosmo. O mundo que o rodeava e o destino do homem estavam determinados pelo seu intercâmbio com as forças ao seu redor. Esta teoria, apesar de simplista, oferecia um suporte para organizar a vida e o pensamento que teve tanta influência nos primeiros séculos medievais. Uma das capacidades admiráveis de Hildegarda era visualizar este conceito com uma minúcia extraordinária.

Os escritos da monja demonstram que ela tinha um profundo interesse na natureza da história do mundo. Para Hildegarda, a criação e a vida eram essencialmente boas e santas, no entanto, ela buscava um significado e uma utilidade prática para a melhoria de vida na terra como um todo. Acreditava que a colaboração entre homem e Deus era indispensável para que o universo chegasse à sua plena floração. Em todos os seus escritos, a natureza e o homem são sempre correlacionados e compartilham também de uma simbologia comum.

Hildegarda escreveu que o comportamento humano era capaz de alterar o meio ambiente e atribuía a irregularidade do clima ao estado incessante de inquietude humana, pois a agitação



interna confundia os elementos e os fazia saírem de seus limites, ocasionando resultados desastrosos para todos. Chegou mesmo a dar fala aos elementos naturais e os fez clamarem pela justiça divina contra a insensatez humana:

Todos os elementos e todas as criaturas choram em alta voz diante da profanação da natureza e da devoção maligna da humanidade ao seu modo de vida de rebelião contra Deus, enquanto que a natureza irracional cumpre submissa as leis divinas. Eis o motivo pelo qual a natureza protesta tão amargamente contra a humanidade”, ao que Deus respondia dizendo: ...”Eu os purgarei com minhas varas e os atormentarei até que voltem para mim... os ventos terão fedor de putrefação e o ar vomitará tanta sujeira que as pessoas não ousarão sequer abrir suas bocas. (STREHLOW, 2002, p.11/13)

Já octogenária, Hildegarda permitiu o enterro do corpo de um nobre no cemitério do mosteiro que, segundo o bispo, havia sido excomungado. No entanto, ela alegava que este nobre havia sido absolvido *in extremis* e recebido a eucaristia antes de morrer. As autoridades eclesásticas exigiram que o corpo fosse desenterrado. A monja se recusou a obedecer à ordem dada, uma vez que erro maior do que sepultar um homem tido como excomungado era retirá-lo do Campo Santo, profanando seu corpo. Ela tomou para si a responsabilidade de velar por este defunto, mesmo ciente das punições que sofreria por este ato de desobediência.

E as punições vieram sob a forma de um interdito imposto pelo clero de Mainz sobre o seu mosteiro, impedindo que ali houvesse a celebração da missa e a prática de cantos sacros. A música era uma das atividades mais prezadas pela monja, que a considerava como uma maneira de se aproximar e restabele-

cer contato com Deus. Ela apelou às autoridades, explicando o ocorrido. No entanto, o conflito tomou proporções maiores, sendo necessária a intervenção do arcebispo de Mainz que decidiu revogar o interdito em 1179.

O caso a desgastou intensa e profundamente, e depois que foi solucionado, ela já se encontrava debilitada e desejosa de livrar-se de seu corpo, para encontrar-se com o Criador, prevendo a iminência de sua morte. Faleceu pacificamente em 17 de setembro do mesmo ano.

A natureza não é uma fonte inesgotável de riquezas, conforme se pensava até pouco tempo. São recursos renováveis que exigem cuidados e atenção, caso contrário suas forças poderosas podem entrar em ação e o maior prejudicado será o homem, exatamente aquele que deveria velar e zelar pelo equilíbrio entre os três reinos: animal, vegetal e mineral, pois como soberano da criação, ele é o responsável pela manutenção, conservação e preservação da saúde planetária.

A obra da monja/abadessa/visionária Hildegarda de Bingen nos convida a esta reflexão e permanece atual, pois se houver o contínuo processo destrutivo da natureza, em pouco tempo não restará mais nada para as futuras gerações. Conservar, manter, preservar, para que o futuro não se apresente tão sombrio; retornar às nossas origens, fazer as pazes com a natureza, pensar nos que virão após, uma mensagem de ontem e de hoje que nos leva a refletir sobre qual futuro deixaremos para nossos descendentes.

Quando o homem se voltar para si mesmo, pode ser que reencontre o caminho da cura para seus males, sobretudo os males que atormentam seu espírito, pois como é dito: *mens sana in corpore sano*. É o cuidado com o microcosmo, visando o restabelecimento global do macrocosmo. Cuidar do bem estar individual é prerrogativa para cuidar do bem estar geral.

## A CURA ATRAVÉS DA NATUREZA, POR HILDEGARDA DE BINGEN

A palavra homeopatia vem do grego *ὅμοιος* + *πάθος* transliterado *hómoios* + *páthos* que equivale a “semelhante” mais “doença” e se baseia no princípio de que o semelhante cura o semelhante. Os medicamentos homeopáticos são preparados a partir de substâncias extraídas da natureza, provenientes de vegetais, animais ou minerais.

Podemos citar a monja Hildegarda de Bingen como sendo uma precursora dos homeopatas, dos terapeutas holísticos e naturalistas em geral. Destacamos suas outras habilidades ou múltiplas capacidades de agregar, em si própria, várias funções e talentos, ocupando-se em saber como funcionava o corpo humano e as causas das doenças que acometiam a população de seu entorno. Sua fama aumentava a cada dia, com indivíduos de várias partes procurando-a em busca da cura de diversas doenças. Muitas dessas pessoas, graças às suas bênçãos, conseguiam se libertar de seus males.

Hildegarda adianta-se à homeopatia, aos florais de Bach<sup>3</sup> e a outras manifestações medicinais ao descrever as plantas, animais e minerais, se detendo nas qualidades e em suas propriedades curativas. Podemos atribuir a ela a primeira tomada de consciência ambiental pelo valor que deu ao mundo natural como manifestação esplêndida de Deus, assim como a interação do homem e da natureza e a responsabilidade do homem por ele, no contexto da justiça cósmica.

Em suas obras e tratados, percebe-se que Hildegarda foi uma ponte entre o conhecimento teórico vindo da Antiguidade e a tradição dos humores de Galeno, além do conhecimento prático,

3 A respeito de “florais de Bach”, o inventor, o Dr. Bach, viveu de 1886 - 1936.

como o uso de plantas com propriedades medicinais. Para ela, os quatro elementos, água, ar, fogo e terra são concebidos como espíritos concretos e não abstratos, pois a terra, a chuva, o vento e o sol afetariam não apenas os seres humanos, mas todos os seres vivos.

Não há o que se compare à sua obra, a não ser a de outra abadessa do Mosteiro de Santa Odília do Monte Sião, na região da Alsácia, Herrade de Landsberg. Ela foi a contemporânea de Hildegarda e compôs, entre 1175-1178, uma enciclopédia - a primeira de nossa literatura - que chamou de *Jardin de Délices* (*Hortus deliciarum*).

A medicina moderna utiliza com precisão a dosagem dos medicamentos e remédios e seria complexo tomarmos essa mesma prática para as receitas apresentadas por Hildegarda, pois

Cozer vigorosamente o dictamno na água [...] durante o cozimento acrescentar duas vezes outro tanto de barba-de-júpiter e acrescentar urtiga, duas vezes o tanto de barba-de-júpiter, e misturar tudo, (PERNOUD, 1996, p. 87)

nos deixa sem um referencial concreto quanto à utilização correta da medida utilizada para promover a cura do doente.

No entanto, através dessa receita, podemos perceber o vasto conhecimento fitoterápico da monja, uma vez que estes dois remédios combinados ajudam a solucionar problemas graves de infecções cutâneas, bem como a prevenção de outras doenças inflamatórias. Ambos são antibióticos naturais muito eficazes no combate de inflamações diversas.

Quando o assunto é bem estar, Hildegarda se preocupa com o ser humano em sua plenitude, pois, conforme sua concepção, o homem necessita ser curado em todas as esferas, em todo o seu conjunto. É por isso que em sua obra estão contidos os fundamen-

tos de farmacologia e botânica aplicados à medicina, na qual se destaca o uso de produtos caseiros como óleo de oliva, lanolina, vinho, vinagre, ópio, bem como o uso de inúmeras plantas como o funcho, lavanda, noz moscada, camomila entre outras.

Na Idade Média, o jejum era difundido como uma forma de limpar o organismo, favorecendo desta forma a cura das doenças. Caso não fosse possível realizá-lo, havia a crença de que ao menos ele serviria para auxiliar na ascensão do corpo aos céus, após a morte.

Hildegarda insistia na moderação do jejum, nas penitências e nas mortificações, uma vez que havia o risco dos excessos, o que acarretaria sofrimento ao corpo e consequências como desconforto e doenças mais sérias. De acordo com ela, quando se afligia o corpo com excesso de abstinência, o desgosto surgia nele e, pelo desgosto, os vícios se multiplicavam muito mais do que se tivessem sido contidos com moderação.

Desta forma, no jejum prescrito pela monja é possível ingerir alguns alimentos como chás, caldo de legumes e suco de frutas que descontraem o organismo, auxiliando-o na eliminação periódica dos excessos e, portanto, na recuperação da serenidade. Ainda de acordo com os seus preceitos, a alimentação deve ser adequada à idade, ao estado geral do paciente, ser adaptada ao indivíduo e à estação do ano.

Para Hildegarda, o estado do corpo humano é determinado pelo equilíbrio dos humores (*temperamentum*). E isto estabelece o princípio de correspondência entre o microcosmo (homem) e macrocosmo (universo), presente no pensamento de Isidoro de Sevilha.

De acordo com a medicina Hildegardiana, o estado de espírito melancólico era algo extremamente perigoso e maléfico à saúde do ser humano, pois comprometia todo seu sistema imunológico, retirando-lhe o desejo de viver. Este estado proce-

dia da bÍlis negra, que produzia maus humores, contribuindo para desestruturar a pessoa. Para resolver este problema, a solução era relativamente simples: mudar os hábitos alimentares e utilizar o que a natureza tem a oferecer, agindo no sentido de manter o equilíbrio físico, mental e espiritual do indivíduo.

Certamente, Hildegarda possuía conhecimentos a respeito das enfermidades provenientes do mau funcionamento do fígado e suas consequências desastrosas. Por isso, é possível perceber sua vontade em apaziguar os ânimos exaltados, pois havia a preocupação em cuidar do doente mais do que da doença. A atenção era dirigida aos sintomas como efeitos de um desregramento interior, sendo a beleza e a harmonia necessárias para o desabrochar do homem. Para ela, o estado natural do homem é a saúde, que só é destruída pelo erro. "Recuperar, manter, proteger a saúde natural do homem, assegurar o pleno exercício de suas capacidades, é questão de vigilância cotidiana, dirigida ao espírito e ao corpo ao mesmo tempo." (PERNOUD, 1996, p. 89).

A obra de Hildegarda de Bingen é abrangente; o seu livro *Physica* ou *Liber simplicis medicinae* é composto de nove seções ou livros que tratam das plantas, árvores, pedras, peixes, pássaros, animais terrestres, répteis e metais.

Esta obra não é um livro médico, pois não relaciona as enfermidades nem sistematiza os remédios, mas apresenta uma exposição das propriedades e as suas utilidades mais correntes que, segundo ela, servem para curar quase todas as coisas mais comuns da natureza humana, podendo ser utilizadas partes de animais, plantas, fumaça, odores, pedras e até mesmo a música. Ela compôs mais de 70 peças musicais que também recomendava para a cura do espírito. "Existem analogias, porém não é possível afirmar que tenha existido cópia entre o uso que Hildegarda atribui a muitas plantas e os medicamentos tradicionais da Índia



(Ayurveda) e China". (<http://www.hildegardiana.es/index.html> consultado em 30/06/2014, tradução nossa).

Seus conhecimentos são úteis à saúde do homem, e suas ideias são inteiramente originais para o começo do século XII. Ela distingue duas ações das substâncias sobre o corpo humano: uma química, dependente da composição das preparações, e outra "mística", que hoje qualificaríamos de psicossomática. Hildegarda evoca também a possível circulação do sangue com séculos de antecedência. "Em suas obras de astronomia, já supõe que o sol pudesse ser um centro de atração que reteria com sua força as estrelas". (DALLAVA-SANTUCCI, 2005, p. 53)

Em sua obra *Causa et Curae*, Hildegarda fala da criação do homem. Nas outras três seções da obra, ela se concentra mais nos aspectos médicos, assim como nos diferentes tipos de enfermidades e sua cura, sobretudo para os tratamentos das diferentes doenças, incluindo as doenças mentais, que em sua avaliação poderiam ser causadas por razões físicas e não por intervenções demoníacas, o que é considerado um grande avanço para a época.

Muitas vezes, a mulher permaneceu fechada no gineceu. Apesar desse estruturado posicionamento social, Hildegarda se impõe e defende o prazer feminino e o seu valor sexual. Ela escreveu sobre

*a importância do prazer no momento da concepção – e argumentava que as crianças concebidas por pais apaixonados tinham mais chance de ser do sexo masculino, fortes e saudáveis". Além deste cuidado com as mulheres, seus "(...) textos contêm a primeira descrição de um orgasmo feminino, retratado em termos de um calor descendo para os genitais femininos (STEARNS, 2010, p. 85).*

Em seu trabalho, Hildegarda deu mostras de se preocupar com a saúde e o bem estar das pessoas ao seu redor, tendo um carinho especial no que diz respeito ao instante da concepção, considerado um dos momentos mais sublimes da existência humana. Ela faz uma analogia da criança no ventre materno com a semente dentro da terra. Ambas precisam do abrigo em que estão inseridas para germinar, crescer e florescer. Segundo ela, desde os primeiros momentos, a criança já recebe o sopro divino, que se manifesta através de uma esfera de luz, e é esta esfera que dá força e vida ao novo ser.

Hildegarda recorre à teoria hipocrático-galênica das duas sementes – alegando que a reprodução precisa de dois elementos, duas sementes: a da mulher e a do homem. Ao que tudo indica, embora tenha dado uma interpretação científica do universo e refletido com franqueza sobre os problemas da sexualidade, ela se divide em relação à sua própria opinião sobre a concepção, ou nega a existência da semente feminina, ou diz que ela apresenta uma quantidade ínfima dela, explicando a "(...) concepção pela mistura de duas espumas (*spuma*), produto da agitação do sangue; parece que a semente masculina intervém então sem a presença de um produto feminino". (DUBY, 1990, p. 80)

A luta entre as sementes determina o sexo do embrião. Nesse sistema, se inscreve a doutrina das sete células: as células da direita acolherão a mistura dos espermatozoides para formar machos, as da esquerda para formar fêmeas. Quanto à célula central, ela explica a formação do hermafrodita.

A esta combinação de elementos puramente físicos, Hildegarda expôs um sistema original, no qual confere um lugar decisivo para os fatores psíquicos, pois se a força da semente masculina determina o sexo do embrião, em contrapartida o amor que os pais têm um pelo outro determina as qualidades morais da criança. Desta forma, uma grande quantidade de semente



masculina e um amor virtuoso nos pais permitem a geração de um rapaz ornado com todas as virtudes. No entanto, se a emissão masculina é fraca, mas se o homem e a mulher nutrem um pelo outro um grande afeto, então nascerá uma criança virtuosa do sexo feminino. “O resultado mais desastroso é obtido quando a semente do pai é fraca e os pais têm falta de amor um pelo outro, caso em que nasce uma rapariga má”. (DUBY, 1990, p. 83)

Hildegarda afirma que a criança precisa de afeto para o seu perfeito desenvolvimento psicológico e, além disto, “uma mulher bem constituída tem calor suficiente para que o filho se lhe assemelhe, enquanto que o homem vigoroso imporá os seus traços face a uma mulher delicada”. Por ser mulher, Hildegarda reivindica a possibilidade de a criança ser parecida com a mãe. No entanto, esta preocupação está ausente dos fundamentos teóricos do pensamento científico medieval, uma vez que nada pode alterar a marca do homem na sua descendência. O corpo sendo o espaço destinado a manifestações do prazer torna-se mais impetuoso e violento no homem, ao passo que na mulher ele é “(...) comparável ao sol que, docemente, tranquilamente e de modo contínuo espalha sobre a terra o seu calor, a fim de que ela dê os seus frutos”. Para ela, se a mulher “(...) é mais fria e mais úmida do que o homem, estas características favorecem a sua moderação e a sua fertilidade”. (DUBY, 1990, p. 84)

Graças ao sentido poético que ela emprega, este prazer é comparável ao sol, calmo e eficaz na sua ação, ao contrário de outros autores que de forma deselegante reconhecem que o desejo feminino se assemelha à madeira úmida, lento em inflamar-se, mas que arde durante muito tempo. Este ardor secreto é um mistério que intriga o homem.

No que diz respeito à anatomia feminina, Hildegarda afirma que uma moça sente o primeiro despertar da paixão aos doze anos, porém acrescenta que, apesar disso, essa menina é

muito nova e deverá ser bem vigiada, porque ainda não é fértil e poderia facilmente cair na lascívia, perdendo o sentido da honra e da vergonha. Acreditava ainda que se uma jovem fosse de natureza vigorosa e úmida, seria madura e fértil aos quinze ou dezesseis anos.

Essa idade variava de acordo com a classe social, a alimentação e com os trabalhos mais ou menos pesados, pois as mulheres que se alimentavam melhor e tinham uma vida mais cômoda apresentavam um fluxo mais regular, do que as que trabalhavam mais. Foi também Hildegarda quem escreveu mais claramente sobre a menstruação e as doenças que tradicionalmente acompanhavam as mulheres.

Ressaltamos que a monja se preocupava com a saúde da mulher tanto na menarca como na menopausa. Nesta conjuntura ela “(...) colocava a menopausa em torno dos cinquenta anos, ainda que pensasse que o desejo sexual podia continuar até os setenta se a mulher fosse forte”, (LABARGE, 1988, p. 43 tradução nossa). Isto demonstrava realismo e preocupação pelos problemas femininos, concedendo-lhes a devida importância em todos os momentos de sua vida.

Hildegarda é a única mulher conhecida na Idade Média que define os humores e aplica as características de cada um, com ênfase especial em seu efeito sobre a conduta sexual feminina. As mulheres eram consideradas geralmente de natureza melancólica e a própria monja se colocava nesta categoria.

Em geral, acreditava-se que esses humores melancólicos levavam as mulheres ao que hoje chamaríamos de conduta neurótica. Para dar aos conceitos medievais termos modernos, o sangue era catalogado como sendo de quatro tipos: o agressivo, porém controlado; o fleumático, inibido, porém controlado; o colérico, em contrapartida, era incontrolavelmente agressivo e uma definição moderna perceberá o melancólico como o tipo

predisposto à depressão, ou reduzido a esse estado por causa do stress e das fadigas dos tempos modernos.

De acordo com Derrida, em sua obra *a Farmácia de Platão*, “não se deve irritar as doenças com remédios (*ouk erethistéon pharmakeiais*) quando elas não oferecem grande perigo”, pois “cada ser vivo nasce tendo consigo uma certa duração de existência, assinalada pelo destino”, exceção feita aos acidentes, tragédias naturais ou assassinatos. “(...) O mesmo se passa para a composição das doenças”, portanto é bom avaliar a magnitude da mesma, para que seja ministrado o remédio certo, bem como a dosagem certa, respeitando o tempo de duração da enfermidade, pois, “(...) se pormos fim à doença antes do termino fixado, de doenças leves podem nascer de ordinário, doenças mais graves, e, de doenças em pequeno número doenças mais numerosas.” (DERRIDA, 1997, p. 48).

Segundo Hildegarda, a felicidade e a harmonia, que eram inerentes ao ser humano, foram destruídas pelo pecado original, que transformou, obscureceu e trocou as qualidades do corpo e da alma humana. Assim, surgiram as enfermidades, principalmente em decorrência da degradação da natureza, provocada pelo próprio homem. A medicina atual tem demonstrado que o fator espiritual e psicológico tem um papel relevante nas enfermidades, tanto para provocá-las quanto para curá-las.

Hildegarda e as monjas enfermeiras de sua abadia tinham muita responsabilidade médica. Essa habilidade especial era de grande importância, pois ela havia servido como enfermeira antes de chegar a ser abadessa, e sua biografia afirma que era famosa por suas curas e sua perícia. Seus dois livros sobre história natural, biologia e enfermidades humanas se contavam entre os mais avançados de sua época e indicavam a extraordinária mescla de conhecimentos médicos que havia no norte da Europa, antes que

os progressos da medicina árabe se tornassem conhecidos, através das traduções para o latim.

A obra científica de Hildegarda não parece ser baseada em suas visões, mas antes em seus estudos, na sua perspicácia e na sua capacidade de observar a natureza e o homem ao seu redor. Para a monja, a natureza e todos os atributos que ela trazia consigo serviriam de mote inspirador para curar o corpo e o espírito, pois os três reinos: mineral, vegetal e animal estão envoltos em harmonia e podem repercutir no indivíduo, auxiliando no seu desenvolvimento pessoal e saudável.

É pertinente salientar a importância da interação entre corpo e alma, pois Hildegarda considera que eles não são separados, mas trabalham em conjunto, sendo estes conceitos aplicados na moderna medicina psicossomática. Ela especifica as qualidades das plantas como quentes e frias, sendo que as qualidades quentes se refletem na alma e as frias se refletem em uma ação sobre o corpo. Além disso, muitas plantas são complementares para agir fisicamente em termos da alma.

A mensagem da monja, que em seu tempo já se preocupava com a natureza e a postura do homem em relação a ela, é bem atual. Podemos dizer que esse cuidado, essa preocupação é inerente à sua obra. Dotada de um espírito inquieto, ela era uma pesquisadora nata, observadora, cuidadosa e, ao mesmo tempo, cuidadora.

Toda a vida de Hildegarda foi devotada a servir a sua abadia e a propagar suas visões, com o intento maior de preservar a natureza, sobretudo a excelência da criação divina, o homem em sua plenitude, em sua capacidade máxima de dar e receber, de propagar o amor caritativo, na máxima cristã de “amar o próximo como a si mesmo”, não se importando se o próximo pertence ao reino mineral, vegetal ou animal. Afinal, toda a natureza é obra

do Criador, mas cabe ao homem, animal racional, obra prima da criação, a responsabilidade de zelar pelos demais reinos.

## REFERÊNCIA

- ARIES Philippe; DUBY, Georges. **História da vida privada /** [coleção dirigida por] Philippe Aries e Georges Duby. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009. 5 v. 505 p.
- DALL'AVA-SANTUCCI, Josette. **Mulheres e médicas: as pioneiras da medicina.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. 245 p.
- DELUMEAU, Jean; MACHADO, Maria Lucia. **O que sobrou do paraíso?** Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 565 p. [16]p. de estampas
- DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão.** Trad. Rogério da costa. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1997. 126 p.
- DUBY Georges. **Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios.** Trad. Jonatas Batista Neto. 2.reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 214 p.
- DUBY Georges. **Ano 1000 ano 2000 – na pista de nossos medos.** Trad. Eugenio Michel da Silva, M<sup>a</sup> Regina Lucena Borges-Osorio. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.138 p.
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente.** Trad. Maria Helena da Cruz Coelho. Porto: São Paulo: 1990.
- DUBY, Georges. PERROT, Michelle. **Imagens da Mulher.** Trad. Maria Manuela Marques da Silva. Porto. Edições Afrontamento. 1992. 198 p.
- FRANCO JUNIOR, Hilário. **A Idade Média e o nascimento do Ocidente.** São Paulo: Brasiliense, 1986. 202 p.

- JACQUART, Danielle; THOMASSET, Claude Alexandre. **Sexualidad y saber médico en la Edad Media.** Barcelona: Editorial Labor, c1989. 208 p.
- LABARGE, Margaret Wade. **La mujer em la Idade Media.** Madrid, Ed. Nerea, 1988. 318 p.
- LE GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval.** Trad. Manuel Ruas. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1995. 399 p 2v.
- LE GOFF, Jacques. **As doenças têm histórias.** Trad. Laurinda Bom. Lisboa. Ed. Terramar, 1997. 368 p.
- LE GOFF, Jacques; MONTREMY, Jean-Maurice. **Em busca da Idade Média.** Trad. Marcos de Castro. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006. 222 p.
- LOT, Ferdinand. **O fim do mundo antigo e o princípio da Idade Média.** Trad. Emanuel Godinho. Lisboa: Edições 70, 1985 455 p.
- MAZZONI, Cristina. **As mulheres na cozinha de Deus: escritos culinários, gastronômicos e espirituais.** São Paulo: Edições Loyola, 2009. 231 p.
- PERNOUD, Regine. **Hildegard de Bingen: a consciência inspirada do século XII.** Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Rocco, 1996, 134p.
- SCHIPPERGES, Heinrich. **Hildegard of Bingen. Healing and the Nature of the Cosmos.** 2nd print. Princeton: Markus Wiener Publishers, 1998. 122 p.
- SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média.** Trad. José Rivair Macedo. Bauru, SP: EDUSC, 2007. 380 p.
- STEARNS, Peter N. **História da sexualidade.** Trad. Renato Marques. São Paulo: Contexto, 2010. 285 p.
- STREHLOW, Wighard. **Hildegard of Bingen's Spiritual Remedies.** Inner Traditions / Bear & Company, 2002. 272 p.